



## **DISPUTA TERRITORIAL E DINÂMICAS DO COOPERATIVISMO SOLIDÁRIO NO RIO GRANDE DO SUL: JUVENTUDE, AGRICULTURA FAMILIAR E RESISTÊNCIAS NA COOPERATIVA NOSSA TERRA DE ERECHIM**

**Kariane Vanessa Gaiardo**

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e bolsista da CAPES

**Juçara Spinelli**

Professora do Departamento de Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) E-mail: jucara.spinelli@uffs.edu.br

**Márcio Freitas Eduardo**

Professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). E-mail: marcio.eduardo@uffs.edu.br

### **1. Introdução**

A sociedade contemporânea tem naturalizado o sistema capitalista, tornando difícil a visualização de alternativas econômicas ou a construção de um novo horizonte de sociabilidade. A necessidade de questionar esse modelo torna-se urgente diante das crises ambientais, climáticas e sociais que ele provoca. Como aponta Singer (2002), é comum que, ao viver por muito tempo sob um mesmo sistema, se naturalize suas estruturas, dificultando o pensamento sobre alternativas. Esse desafio vem sendo construído por diferentes movimentos sociais que, com base em princípios de justiça, solidariedade e sustentabilidade, propõem caminhos contra-hegemônicos.

A conjuntura recente trouxe à tona novas tensões em torno da permanência dos mercados alternativos de agricultura familiar, como ocorreu em janeiro de 2025, com o despejo da tradicional Feira da Agricultura Familiar promovida pela Cooperativa Nossa Terra em Erechim/RS. Este episódio revelou o avanço de forças que promovem a desterritorialização de iniciativas cooperativadas e agroecológicas. Nesse contexto, a pesquisa se orienta pela seguinte problemática:

Quais são os elementos que desencadeiam tentativas de desmantelamento dessas instituições cooperativadas da agricultura familiar e de sua desterritorialização, e de que forma esses movimentos vêm adotando estratégias de luta e resistência para sua manutenção frente ao modelo hegemônico vigente?

A escolha do tema está vinculada à trajetória pessoal e acadêmica da primeira



autora, com vivências no cooperativismo solidário, agricultura familiar, movimentos sociais e Pastoral da Juventude, aliadas à formação em arquitetura e urbanismo. Esse caminho fortaleceu o compromisso com práticas coletivas voltadas à dignidade humana, ao trabalho e ao território. A pesquisa se justifica pela necessidade de aprofundar o debate sobre as resistências frente às disputas territoriais e por contribuir cientificamente com temas como economia solidária, juventude rural, territorialidade e políticas públicas.

O presente resumo expandido traz resultados parciais da pesquisa da dissertação, em andamento, buscando produzir subsídios analíticos que denunciem os conflitos territoriais provocados pelo avanço do agronegócio. Sua função social está, portanto, em dar visibilidade às lutas cotidianas de sujeitos historicamente marginalizados e em colaborar com práticas emancipadoras no campo e na cidade. Contendo o objetivo de analisar a disputa territorial e as dinâmicas do cooperativismo solidário no Rio Grande do Sul, com ênfase na organização da agricultura familiar e na trajetória da Cooperativa Nossa Terra de Erechim/RS.

## **2. Metodologia**

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, exploratória e interpretativa, com foco em território, cooperativismo solidário e economia solidária. O referencial teórico foi organizado em quatro capítulos, fundamentados em autores que discutem as dinâmicas territoriais e práticas cooperativistas no contexto rural e urbano. Dada a complexidade das experiências vividas por agricultores familiares e juventudes cooperativistas no Alto Uruguai/RS, optou-se pela metodologia da pesquisa-ação participante, guiada pelo autor Thiollent (1986), que permite a interação direta entre pesquisador e sujeitos sociais, promovendo uma participação ativa na construção do conhecimento. A pesquisa-ação é adequada para analisar grupos de pequeno e médio porte, como cooperativas e redes locais, favorecendo uma investigação colaborativa focada na resolução de problemas concretos.

## **3. Resultados e discussão**

A análise desenvolvida no primeiro capítulo evidencia que o cooperativismo solidário, em articulação com a agricultura familiar, tem desempenhado um papel



estratégico na resistência ao avanço do modelo agroindustrial hegemônico no Rio Grande do Sul. A partir da investigação das experiências organizadas por coletivos e cooperativas, ficou claro que essas iniciativas vêm construindo formas alternativas de produção e organização socioterritorial, fundamentadas em princípios de solidariedade, autogestão, sustentabilidade e justiça social.

A pesquisa demonstrou que a disputa territorial entre o agronegócio e os modos de vida camponeses se intensifica com os processos de desruralização, financeirização da terra e industrialização da agricultura, os quais têm gerado impactos significativos sobre os territórios rurais. Como indicam Porto-Gonçalves (2016) e José Eli da Veiga (2003) e Zanella (2020), essa transformação do campo em espaço de negócios globalizados contribui para o esvaziamento social e o enfraquecimento das identidades camponesas. No entanto, as experiências estudadas mostram que o rural não desaparece, mas se ressignifica, sobretudo por meio das práticas solidárias e agroecológicas protagonizadas por agricultores familiares organizados em redes cooperativas.

Com base nos dados da UNICAFES-RS e nas observações realizadas durante a pesquisa, identificou-se que o cooperativismo solidário não se limita a uma estratégia econômica de inserção nos mercados, mas se constitui também como um projeto político de transformação social. As cooperativas investigadas atuam na revalorização dos saberes tradicionais, na preservação ambiental e na construção de circuitos curtos de comercialização, o que contribui para o fortalecimento das economias locais e a ampliação da autonomia dos sujeitos do campo.

Outro resultado importante refere-se à interdependência entre os espaços rural e urbano, evidenciada na forma como os produtos e valores da agricultura familiar circulam em feiras urbanas, mercados institucionais e espaços comunitários. Essas articulações demonstram que a valorização do rural passa necessariamente por uma reconfiguração das relações campo-cidade, superando a lógica excludente do desenvolvimento rural tradicional. A partir dessa perspectiva, o cooperativismo solidário desponta como um agente articulador de novas territorialidades, baseadas em redes de solidariedade e reciprocidade.

Territorializando a discussão no segundo capítulo, a região do Alto Uruguai do Rio Grande do Sul apresenta uma forte presença da agricultura familiar, marcada por



pequenas propriedades e práticas camponesas, resultado de suas características geográficas e sociais. A análise multiescalar revelou que a organização territorial da agricultura familiar nessa região é complexa e dinamicamente construída por sujeitos sociais que atuam em diferentes níveis, local, regional e nacional.

Três dimensões foram destacadas: a atuação da Cooperativa Nossa Terra, o protagonismo juvenil por meio da Feira Jovem, e a articulação estadual e nacional da UNICAFES-RS. Essas experiências demonstram como o cooperativismo solidário fortalece estratégias de resistência frente ao agronegócio e promove a construção de novas territorialidades baseadas na solidariedade, participação e sustentabilidade.

No terceiro capítulo trabalhando na dissertação, compõe a análise da trajetória da Cooperativa Nossa Terra em Erechim/RS revelou que os agricultores familiares vêm protagonizando disputas territoriais urbanas significativas, muitas vezes invisibilizadas na literatura da Geografia Agrária. O estudo de caso, dividido em cinco períodos históricos, evidenciou como a agricultura familiar organizada atua politicamente para conquistar, manter e ressignificar espaços urbanos de comercialização frente ao avanço da urbanização e às pressões institucionais.

Por fim, o último capítulo aborda a juventude cooperativista e sua luta por reconhecimento territorial, com foco no Projeto Feira Jovem em Erechim/RS. O termo "juventude cooperativista", relativamente recente, está ligado ao trabalho da União Nacional das Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária (Unicafes), e se refere a um segmento juvenil engajado nas práticas e valores do cooperativismo solidário. A identidade política e social dessa juventude vem sendo moldada pela participação em espaços coletivos, processos formativos e iniciativas produtivas.

São três eixos debatidos dentro dessa iniciativa, que estão em elaboração, a primeira trata da identidade da juventude da agricultura familiar e cooperativista; a segunda foca no Projeto Feira Jovem, apresentando seu histórico, funcionamento e os resultados obtidos, como a criação de uma rede envolvendo a Cooperativa Nossa Terra, CAPA, UNICAFES RS e outras instituições públicas, além da análise das edições do Festival de Primavera realizadas entre 2022 e 2024; e a terceira parte descreve as ações de luta e organização da juventude, com um resumo analítico dos passos já dados e das propostas futuras. A pesquisa evidência as ações de resistência, organização e





protagonismo juvenil, destacando a importância do Projeto Feira Jovem como instrumento de afirmação e valorização do território.

#### 4. Considerações finais

Compreende-se que o espaço tanto rural quanto urbano não são apenas cenários, mas objetos e meios da disputa política. A pesquisa evidenciou que as feiras, os mercados e os pontos de venda urbana não são apenas espaços de comercialização, mas territórios simbólicos e estratégicos de afirmação da agricultura familiar frente ao modelo hegemônico urbano e agroindustrial.

A disputa pelo espaço, especialmente no contexto urbano, revela a importância de reconhecer a centralidade da agricultura familiar como agente de transformação territorial, contribuindo para repensar as relações entre campo e cidade sob a perspectiva da justiça social, do direito ao território e da soberania alimentar.

#### Referências

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Luta pela terra. Luta pela Terra: ruptura metabólica e reapropriação social da natureza**. 2016. 25 f. Ensaio (pós-doutorado) - Curso de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

SINGER, Paul. **Introdução à economia solidária**. 1. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa ação**. 2. ed. São Paulo: Autores Associados, 1986. 108 p.

ZANELLA, Anacleto. Contradições entre a modernização agrícola e o desenvolvimento sustentável: o caso do Alto Uruguai Rio-Grandense – 1975-2017. **Oficina do Historiador**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 1–17, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.puocs.br/oficinadohistoriador/article/view/36519/26062>. Acesso em: 23 jun. 2025.

VEIGA, José Eli da. **Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula**. 2. ed. São Paulo: Autores Associados, 2003.

#### Agradecimentos

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela concessão da Bolsa de Pesquisa (Demanda Social).